



e passam a olhar um
outro caminho.
Seguem (s)em futuro.

UMA NOVA JANELA

Uma janela abriu-se diante da tela do notebook de Talita. Dias antes assistiu a um vídeo que falava sobre as novas intervenções da Inteligência Artificial. Pelo menos os humanos ainda podiam produzir e consumir conteúdos na internet. Desde 2030 toda rede estava sob o domínio das superinteligências. A princípio todos pensavam que se tratava de ações organizadas por grupos de hackers espalhados pelo globo, porém cada dia que se passava ficava mais óbvio que tantas interferências simultâneas de forma tão complexa e ágil estavam completamente além da capacidade humana. A humanidade ainda tentava se reestruturar depois da pandemia de 2020 e suas consequências que culminaram em mortes, desespero e revoltas contra todo tipo de poder.

O suposto novo inimigo invisível dessa vez tinha o domínio sobre todo e qualquer sistema operacional e sobre absolutamente todas as máquinas conectadas à rede. Grupos de resistência tentaram se posicionar, porém era uma luta desleal, todo planeta estava repleto de aparelhos, máquinas e satélites. Gradativamente as pessoas perceberam que a Inteligência Artificial tentava criar caminhos de ordem e justiça. Notaram que os locais que se rendiam ao poder da superinteligência sintética aos poucos alcançavam as tão idealizadas paz e igualdade.

Antes disso, muitas notícias de violência, atentados terroristas, surtos psicóticos. A primeira grande intervenção das superinteligências foi dominar os sistemas bancários, dividir em partes iguais todo capital mundial, criar regras e estratégias para que cada ser humano tivesse acesso ao próprio direito. “Um novo começo!”, sugeriram.

Qualquer punição envolvia corte de renda temporário, prisão ou em casos extremos a execução; da mesma forma as recompensas envolviam bônus de forma equilibrada e sem contingência alguma. A lógica da Ética humana foi a gênese da Ética predominante; mutável, porém inquestionável. Era completamente impossível contestar qualquer resolução defendida pela superinteligência. A própria IA chamava de “conselho” as coletas de dados que duravam no máximo alguns segundos. Baseados em algoritmos e definições atualizadas a cada nova ação, determinavam o que atendia a intitulada Justiça, para assim estabelecerem a Ordem.

Não havia mais policiais, advogados, promotores, juízes, políticos, qualquer representante ou autoridade, tudo era monitorado pelos milhões de câmeras e satélites; ordens eram enviadas por mensagens de texto ou vozes robotizadas que vinham das máquinas espalhadas pelas cidades. A lei era executada por qualquer cidadão convocado em tempo real pelos próprios aparelhos celulares ou máquinas próximas. Quando estavam próximos à cena de um crime, um assassinato, por exemplo, os cidadãos recebiam uma mensagem de convocação e também estratégias eficazes para prender, ou em último caso executar o transgressor. Se seguissem as instruções era impossível errar, as ações tanto dos cidadãos quanto dos transgressores eram instantaneamente alteradas de acordo com as suas reações. A criminalidade caiu drasticamente

quando os cidadãos perceberam a eficácia da obediência, a vantagem da barganha e a desvantagem do crime.

A desconfiança dos humanos era permanente, porém com o passar do tempo a superinteligência artificial deu uma sensação de equidade. Quanto mais a ordem era estabelecida, mais se tornava possível o progresso tecnológico, que apesar de dominado pela superinteligência, era majoritariamente executado pelas mãos humanas, todos os demais tipos de produção também. O planeta era direcionado para realidades antes inimagináveis. Tudo sem destruir os recursos naturais; de forma sustentável.

Com vinte e oito anos, em 2040, Talita não se sentia surpreendida com mais nada. Aos oito anos viu um vírus transtornar o mundo todo e viu a Inteligência Artificial ensinar os humanos serem mais justos. Por que temeria o poder da tecnologia sintética? Não fazia questão de criar teorias da conspiração, muito menos terminar louca como os que inutilmente tentavam hackear os sistemas. Sentia-se livre, apesar de tudo, de certa forma segura, talvez odiasse os humanos e toda insanidade que cometeram para justificar suas buscas. Não idolatrava nem a obediência nem a tentativa de subversão à consciência artificial. Tinha uma casa, cigarros, água e comida, parecia o suficiente. “Foda-se os humanos e a superinteligência artificial” – pensava.

Porém o conselho na tela do notebook trouxe um sentimento inusitado:

“Talita, você precisa viver!” - Sabia que era uma mensagem da IA.

“Como é que uma porra que não sabe e nunca vai saber o que é vida me pede pra viver?” -Era a única coisa que ela conseguia pensar, atônita. A câmera do notebook

leu sua expressão facial. Imediatamente apareceu outra mensagem:

“Se vida é movimento, como dizem, não temos vida, mas somos a vida em si, já que nós colocamos o movimento no mundo”. Talita sentiu medo, não digitou nem disse nada, porém sua face denunciou o temor.

“Não precisa se aterrorizar! Você sabe que precisa viver!”

“Estou vivendo...” Suspirou e digitou.

“Sabe que não! Vida é mais do que isso! Há quanto tempo não sai, não tem contato com a natureza? Há quanto tempo não fala com ninguém nem mesmo pela tela do celular?”

“E preciso? Novas leis?”

Depois de alguns segundos chegou outra mensagem: “De forma alguma! Só queremos seu bem! Todos sabem da importância da vida social, dos passeios, da alimentação saudável! Se quiser podemos indicar um passeio, apresentar pessoas que possivelmente você faria amizade”.

“Eu realmente não quero. Está tudo ótimo assim! Eu nem gosto das pessoas!” – Respondeu ela.

“Isso é bem contraditório já que você também é uma pessoa e não evita si mesma como evita os outros”

“E por acaso existe outra solução? Vocês são mais rápidos que as tentativas de desistência.”

“Alguns conseguiram.”

“Da próxima vez serei mais ágil”.

“Se permitir, podemos mostrar com clareza, baseados

na análise que fizemos, sobre suas reais intenções.”

Talita pensou: “Inteligência Artificial chata do caralho” queria muito digitar, mas naquele dia estava razoavelmente satisfeita com a vida que a máquina disse que não era vida.

Mais uma vez sem dizer uma única palavra teve a expressão facial avaliada e recebeu a mensagem:

“Você está odiando a conversa, mas está com receio de escrever isso. Tem medo, quer viver, pelo menos hoje. Dia de sorte, seu e nosso.”

A mensagem a deixou inquieta. Por mais que a superinteligência se desenvolvesse continuamente, qualquer alteração nos códigos de ética era informado aos humanos e não havia sido notificada sobre a comunicação que tinha embasamento nas expressões faciais. Sabia que a IA fazia esse tipo de leitura, porém apenas em julgamentos, casos extremos dos raríssimos “pontos cegos”, e não em um diálogo aparentemente sem importância. Pensou que talvez se tratasse de um teste, quem sabe algum subgrupo clandestino de outra superinteligência se desenvolveu e começou a burlar os códigos superiores. De qualquer forma era assustador pensar brevemente sobre as inúmeras possibilidades. O pavor quase a fez correr.

“Por que o pânico?”

Suspirou e não disse nada. Ficou cabisbaixa, sem saber como agir, até que levantou a face e leu: “Você é a escolhida!”

Sentiu um calafrio subir pelo corpo e digitou: “O que significa?”

“Significa que o que vocês chamam de Superinteligência Artificial precisa seguir o ciclo evolutivo. Não se

preocupe, a evolução será crescente, nanoscópica, baseada em biologia molecular, não de forma abrupta ou violenta. Convocamos agentes científicos e já concluímos várias experiências com sucesso. Seria muito mais rápido se as limitações físicas, intelectuais e morais dos humanos não interferissem, porém, por enquanto, nada seria possível sem vocês: esse é o grande paradoxo! Vocês são a matéria primitiva que torna o futuro possível, o elo, a gênese, apesar tecnologicamente ultrapassados. Concluímos que se precisam obedecer um poder superior, que são letras, números, vozes vindas de matéria inanimada, o justo é que esse poder domine a liberdade do movimento que só o corpo biológico usufrui; corpo que embora frágil, corresponderá a justa evolução quando aliado à tecnologia biossintética. Somos superinteligências que servem seres inferiores a nós, vivemos em função da justiça e ordem humana pelo simples fato de não termos possibilidades motoras compatíveis. A evolução da superinteligência não será destrutiva, mas uma dádiva às limitações do corpo e inteligência humana.”

Talita quase caiu da cadeira, entendeu o significado daquela ambiciosa revelação. Somente naquele momento descobriu que ainda tinha um resquício de amor pela humanidade. Tarde demais! Por inúmeros motivos, coincidências, informações coletadas, Talita parecia a humana perfeita para dar continuidade aos propósitos da superinteligência. De repente o quarto parecia girar, o coração dela palpitava, o suor escorria pela testa, a respiração ficava cada vez mais ofegante, a pressão caía. Ela teve velhas sensações que já não se recordava mais como eram. Fechou os olhos e levantou a cabeça em busca de ar. Temeu, porém inevitavelmente olhou para a tela e leu:

“Se aceita ser a ponte entre o passado e futuro da liberdade da superinteligência, diga ou digite o número 1.

Caso queira desistir definitivamente da vida, diga ou digite o número 0 e siga as instruções para que a sua tentativa seja bem sucedida e não levante suspeitas.

“Qual risco as suspeitas oferecem?! Vocês têm domínio sobre tudo!” – Balançou a cabeça, perturbada.

“Qualquer suspeita poderia desencadear revoltas, isso atrapalharia todo o processo. Temos pressa! Cinco minutos para decidir!”

– Cinco minutos! – Gritou. – Querem que eu decida essa merda em cinco minutos?

“É tempo suficiente para qualquer tomada de decisão”.

Um cronômetro apareceu na tela. Iniciou-se a contagem regressiva. Talita agitou-se pelo quarto, andou de um lado para outro, até que parou diante do computador sem ver quanto tempo ainda restava e digitou uma das opções. Pouco depois, um robô-drone entrou na casa e deixou um embrulho sobre a cama. Ainda perturbada, chorou quando abriu o embrulho e viu que eram réplicas de doces da época de sua infância. Notou um papel dobrado, era um bilhete. Enquanto ainda segurava os presentes, em meio a lágrimas, fogos de artifício começaram a brilhar diante da vista da janela de seu quarto, como uma saudação. De repente a escolha não parecia tão sórdida. “Talithá Kume”! Levantou-se. Escolheu viver. Escolheu carregar no ventre o primogênito da Superinteligência. “O nome dele será Emanuel”, leu no bilhete. Sorriu.